

INTRODUÇÃO À ONTOLOGIA DE ANNE CONWAY

ANNE CONWAY'S INTRODUCTION TO ONTOLOG

Arthur Leandro da Silva Marinho

Doutorando em Filosofia pela
Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Brasil.

Professor Substituto no Departamento de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

arthurlsmarinho@hotmail.com

RESUMO:

Este artigo pretende investigar o pensamento da filósofa moderna Anne Conway. Nosso interesse nesta pensadora dar-se pela sua postura crítica na modernidade, especificamente do século XVII, que antecipa o pensamento de Leibniz. Neste intuito, o objeto deste artigo é destacar os pontos fundamentais da ontologia de Anne Conway. Assim, apresentamos um panorama geral e o contexto em que Anne Conway apresenta sua ontologia. Em seguida apresentamos os aspectos fundamentais da obra de Anne Conway, intitulada *Princípios da Filosofia mais Antiga e Moderna*. No primeiro momento do nosso artigo discutimos a figura de Deus no texto de Conway acima citado. No segundo momento apresentamos a figura das criaturas criadas por Deus na perspectiva desenvolvida por Conway em seu texto acima citado. No último momento apresentamos a crítica de Anne Conway a partir dos elementos que anteriormente foram apresentados no seu texto. Ao fim deste artigo, esperamos que o leitor tenha compreendido os aspectos fundamentais da filosofia de Anne Conway.

Palavras-chave: Barroco. Conway. Leibniz. modernidade.

ABSTRACT:

This article aims to investigate the thinking of modern philosopher Anne Conway. Our interest in this thinker is given by her critical posture in modernity, specifically of the seventeenth century, which anticipates Leibniz's thinking. In this sense, the object of this article is to highlight the fundamental points of Anne Conway's ontology. Thus, we present an overview and the context in which Anne Conway presents her ontology. Below we present the fundamental aspects of Anne Conway's work entitled "Principles of the Oldest and Modern Philosophy". In the first moment of our article we discussed the figure of God in the above quoted Conway text. In the second moment we present the picture of the creatures created by God in the perspective developed by Conway in his above quoted text. At the last moment we present Anne Conway's critique from the elements that were previously presented in her text. By the end of this article, we hope the reader has understood the fundamental aspects of Anne Conway's philosophy.

key-words: Baroque. Conway. Leibniz. modernity.

1 Introdução

Que havia mulheres no século XVII que faziam Filosofia não temos dúvidas. Contudo, parece que na historiografia da Filosofia elas foram silenciadas. Neste artigo, destacamos uma mulher que não ganhou os holofotes, sofria de profundas crises de enxaquecas e não teve medo de contrariar os grandes da modernidade. Num primeiro momento faremos uma apresentação da filósofa, em seguida exporemos alguns pontos do seu pensamento exposto na sua única obra que temos acesso, infelizmente incompleto, intitulada: *Os Princípios da Filosofia mais Antiga e Moderna*. Ao final deste artigo, pretendemos destacar alguns aspectos da filosofia de Anne Conway, que a coloca em evidência no cenário filosófico do século XVII e que a consagra no protagonismo feminino do século XVII rebatendo as principais teses dos filósofos modernos e estabelecendo sua forma própria de fazer filosofia.

2 Uma breve introdução à filosofia de Anne Conway

A filosofia de Anne Conway é uma resposta a experiência dolorosa que passou em vida. As fortes dores que sentia fizeram com ela procurasse, por diferentes caminhos, um tratamento que estabilizasse suas fortes dores. Isso motiva Anne a procurar muitos médicos como tentativa de amenizar suas dores, contudo nenhum deles conseguiram encontrar um remédio ou um tratamento que amenizasse sua dor. O que chama nossa atenção é a postura de Anne diante do sofrimento, parece que a dor é um elemento determinante em seus escritos, pois Conway parte da sua própria vida para pensar o mundo. Assim, parece-nos que ele repensa o mal na modernidade, pois levando em consideração o modo como viveu o sofrimento, notamos que a dor é um elemento determinante na sua ontologia. Vemos que ela repensa teses fundamentais da ontologia moderna, bem como, estabelecer uma postura crítica com a filosofia de Descartes (1904), Hobbes e Espinosa e, com isso, propõe uma visão de mundo originária, tornando-se uma filósofa de grande relevo na modernidade.

Lembramos que Leibniz reconhece a força representativa de Anne para modernidade. Os princípios da sua filosofia estavam conectados e, inclusive, ela antecipa algumas teses do leibnizianismo. O único livro de Conway que chegou até nós foi publicado por Henry More, trata-se de um caderno com apontamentos. É um texto que precisava ser revisto e com fortes traços platonistas. Nesta obra há uma profunda presença da teologia cristã. Sua ontologia é uma derivação dos atributos divinos. A filósofa não nega a extensão, mas designa por figuras, colocando-se a serviço da vida e integrando num universo sem fim. Diante do que foi dito, o curioso é que temos acesso aos textos de Leibniz, claro que ainda há muitos textos de Leibniz que ainda não foram disponibilizados em língua portuguesa, mas daqueles que temos acesso vemos que estão consagrados na literatura filosófica, como a *Monadologia*. Já o texto fundamental de Anne Conway *Os Princípios da Filosofia mais Antiga e Moderna* está

ganhando popularidade na comunidade filosófica recentemente. Este distanciamento no tempo do reconhecimento da autora nos faz repensar a filosofia feminina da Modernidade, inclusive, para melhor compreensão daquilo que entendemos como modernidade.

Devemos recordar que a filósofa inglesa se inicia em Filosofia de forma muito autodidata. Há particularidades que precisam ser esmiuçadas para explicar como se deu a relação entre Anne e a Filosofia. Vemos que, por ser mulher, não recebeu uma educação sistemática. Uma educação sistemática na Inglaterra do tempo de Anne é privilégio para poucos e, entre estes poucos, todos que tinham direito a educação sistemática eram homens. É importante destacar que a filósofa se inicia em Filosofia de forma autodidata, ao contrário do seu irmão. Este que na Universidade aproxima-se do professor Henry More, que tinha uma profunda estima com a pessoa de Anne:

Que estes fragmentos, da autoria da pessoa incomparável da Senhora Viscondessa Conway, agora em tuas mãos para tua edificação, não sejam motivo de escândalo para ti nem de prejuízo para a falecida autora, por parecerem não fazer justiça as extraordinárias qualidades naturais e ao engenho com que Deus a dotou, nem aos admiráveis talentos que adquiriu nos campos mais essenciais e específicos do saber, tanto de ordem natural como divina; tens de entender que são apenas escritos registrados por ela a lápis num caderno, de forma espontânea e dispersa, obscura também, acrescentaria eu, quando já estava prestes a chegar ao fim dos tristes dias da sua vida marcados pelas dores e pela doença prolongados; que ela não teve oportunidade de rever, corrigir, ou aperfeiçoar. Mas porque nesses escritos se manifestava um espírito tão sincero e piedoso, houve quem achasse bem publicá-los: na esperança de que estes fragmentos incompletos de uma alma tão íntegra e sincera possam constituir o pão da vida para todos os que sentem um desejo genuíno de verdadeira santidade e retidão (CONWAY, 2010, p 37).

Vemos no texto acima uma justificação para publicação do texto de More. Este é um extrato do prefácio não publicado de Henry More, que junto com Von Helmont publica a obra de Anne em 1960. É importante destacar que Henry More, na contribuição de prefaciar a obra de Anne, não poupa esforço de tratá-la com todo respeito e admiração. Para More a Viscondessa Conway tem muitas qualidades, além do seu inigualável talento que é exposto na sua obra *Princípios da Filosofia mais Antiga e Moderna*, obra que infelizmente é apresentada incompleta devido a constantes dores de Anne, consequência de sua doença prolongada. Todo o seu trabalho filosófico é reconhecido pelo esforço de tratar os temas pertinentes da modernidade, trabalho autodidata de inestimável valor na Filosofia. Assim, por meio do seu irmão, a filósofa inglesa entra em contato com aquele que será seu mestre e grande amigo em filosofia, Henry More, responsável pela obra publicada de Anne que hoje temos acesso *Os Princípios da Filosofia mais Antiga e Moderna*. Num primeiro momento ela se aproxima do seu mestre More. Contudo, com o tempo More se afasta de da filósofa britânica. As razões do distanciamento entre ambos ocorrem pelo fato de que More acreditava que Anne havia estabelecido uma radicalização dos seus posicionamentos filosóficos. O que podemos dizer acerca desta relação é que ela sofrendo de profundas dores, consequência de suas intensas

crises de enxaqueca, elabora uma metafísica pensada a partir da dor.

Porque, embora as suas dores aumentassem, contudo a sua inteligência não diminuiu; e, contradizendo o aforismo corrente, morreu sem febre, apenas das suas dores, respirando durante algum tempo como se estivesse a dormir, sem estertor, de olhos abertos, ainda a seguir a ter entregado o espírito. O seu velho amigo, quando Ragley lhe relatou as circunstâncias da morte dela, deu apenas esta breve resposta: "compreendo, e dou graças a Deus por isso, que Lady Conway foi Lady Conway até o último suspiro, o maior exemplo de paciência e presença de espírito, no meio das dores e dos sofrimentos mais extremos, que poderemos facilmente encontrar: será quase impossível descobrir quem se lhe compare, desde os tempos da Igreja primitiva." Também poderia mencionar aqui o conforto e as consolações de ordem sobrenatural que obteve depois de algumas das maiores agonias e lutas (CONWAY, 2010, p. 40).

É marcante o relato de dor da filósofa Anne descrito por More. Por esta razão é indissociável a sua vida do seu pensamento filosófico. Sofrendo de terríveis enxaquecas e na tentativa de amenizar as dores da sua vida vemos que a filósofa inglesa se aproxima do hermetismo. Consequentemente, ela está desviando-se de More e criando um percurso originário com a aproximando do cabalismo. Isso é a originalidade do seu percurso filosófico e uma tentativa eficiente para amenizar seu sofrimento. Isso faz com ela estabeleça um espaço para o sofrimento na ontologia.

Foi sobretudo, se não unicamente, em virtude disso que ela foi capaz de sofrer, com espantosa paciência, as dores de cabeça prolongadas e esgotantes (que depois também lhe atingiram o corpo todo) que aliás teriam sido por certo humanamente insuportáveis. E, para espanto de quem a conhecia desde a juventude e até ao fim dos seus dias ela honrou com a sua amizade, embora ela já sofresse essas dores anos antes de conhecê-la, e embora se agravassem cada vez mais até que, além das crises agudas intoleráveis ou paroxismos, passou a estar sujeita permanentemente a dores contínuas, que teriam sido para outros paroxismos insuportáveis, apesar dessas grandes dificuldades e do violento ataque ao seu intelecto, a inteligência dela manteve-se viva e sã (CONWAY, 2010, p. 38).

Diante disto há um problema aparente na sua obra *Os Princípios da Filosofia Mais Antiga e Moderna*, trata-se da sua existência que é marcada de dores. O seu sofrimento e as dores de cabeça prolongadas possibilita é uma possibilidade de conciliar a bondade divina com a existência do sofrimento das criaturas de Deus. A princípio, é uma contradição. Sabendo que a infinita bondade de Deus garante que Deus sendo infinitamente bom não permita que haja o sofrimento e, mesmo havendo sofrimento, não pode haver uma regressão ao infinito do mal. Não existe nada que seja completamente mal tendo em vista que a bondade de Deus é infinita. Logo, pela sua existência permeada de dores, vemos a filosofia de Anne Conway como uma possibilidade da difícil conciliação entre a bondade divina e a existência do sofrimento das criaturas, este é o desafio que norteia a sua obra *Os Princípios da Filosofia mais Antiga e Moderna*, que vamos abreviar como PFMAM.

Na sua obra vemos que Anne estabelece como ponto de partida a definição de Deus. Nesta definição, Ele é compreendido como imortal e tudo converge à sua atuação. Assim, todas as virtudes das nossas ações têm uma finalidade de atingir a Deus. Para Conway, as virtudes contidas nos sujeitos se dirigem a Ele, mesmo que seja por vias dolorosas, muitas vezes. Esse processo de convergência para Deus considera que toda criatura haja em impulsos para Deus, para a bondade, inclusive a dor. Por sua vez, Deus nos afasta da degradação e, por esta razão não há uma degradação infinita ao mal. Assim, a doença, a dor e o sofrimento são provações que nos permitem nos aproximar cada vez mais de Deus.

Porque, embora as dores de que que ela padecia fossem tão grandes e tão incuráveis - eram tão grandes que só por serem tão intoleráveis ela se teria sujeitado a tratamentos tão dolorosos e violentos, piores do que poderia ser qualquer dor ou doença, na perspectiva do comum dos mortais; e eram tão incuráveis que confundiam e derrotavam todas as tentativas de todos os médicos; galenistas, químicos, empíricos, tanto franceses como ingleses; pois ela foi a França de propósito para lhe abrirem o crânio (mas ninguém ousou aventurar-se a isso, embora lhe tenham aberto as artérias jugulares) para curá-la da doença: até que, por fim, ela preferiu deixar de fazer mais tentativas: foi aliás o que lhe aconselhou esse seu amigo fiel, nomeadamente, que se entregasse a DEUS, e fizesse a nobre experiência de tentar que a perfeita saúde da sua alma a levasse a recuperar, no devido tempo, a saúde do corpo, confessando ele, aliás, que parecia oralmente impossível para quem se encontrasse em circunstâncias dolorosas tão extremas não tentar recorrer a quaisquer meios naturais que oferecessem alguma esperança ao alívio (CONWAY, 2010, p. 39).

As dores de Anne eram tão fortes que ela não poupou esforços para amenizar o seu sofrimento, não poupando esforços na tentativa de aliviar sua agonia. A alternativa mais viável foi entregar-se a Deus resignadamente. Assim, na sua obra ela inicia com as definições sobre Deus. É estabelecido que há uma distinção entre Deus e as criaturas. Antes de tudo sua obra é um tratado ontológico, que para concretizar a distinção entre o criador e as criaturas parte da definição de Deus, nos capítulos iniciais. Logo de início ela caracteriza Deus como uno, infinito, eterno e atemporal. Por outro lado, as criaturas são múltiplas e mutáveis. As criaturas são formadas por partículas da natureza seja material seja espiritual, como é possível entender há uma profunda relação entre aquilo que foi dito por ela com aquilo que posteriormente será dito por Leibniz, o que nos faz chegar a conclusão de que Leibniz leu atentamente sua filosofia. Sem dúvida, assim como a grande mônada leibniziana, a filósofa inglesa acreditava que Deus é o ser puramente espiritual. E toda a matéria é animada. Logo, se há sofrimento na matéria dar-se porque o designo de Deus se refere ao sofrimento para que se dê testemunho.

3 Deus

Anne Conway pretende demonstrar em termos racionais a causa fundacional deste mundo. Esta causa é idêntica a Deus. A filósofa estabelece que Deus é espírito e autor de todas as coisas visíveis e invisíveis, pois em sua infinita sabedoria cria e estabelece forma

a tudo o que é bom. Em Deus não existe tempo, mudança ou divisão em partes. Ele é total e universal em si, dentro de si, sem qualquer mistura ou corporeidade. Em sua essência é distinto das criaturas, não estando distinto ou separado, presente em tudo.

S. 1 Deus é espírito, luz e vida, infinitamente sábio, bom e justo, forte, onisciente, omnipresente, onipotente, criador e autor de todas as coisas visíveis e invisíveis.

S. 2 Em Deus não existe tempo, mudança, ordenação ou divisão de partes. Pois ele é total e universalmente uno em si próprio e dentro de si próprio sem qualquer variação ou mistura. Nele não existe treva ou corporeidade, nem qualquer forma, imagem, ou figura (CONWAY, 2010, p. 45).

Ela parte da definição de Deus como o ser infinito em suas propriedades. Pela sua infinitude está além do tempo e de qualquer divisão em partes, pois o Deus não se encaixa na concepção mecanicista cartesiana de mundo. Ele é uma totalidade e, sendo assim, esta totalidade é universal e ordenadora do mundo. Por esta razão, Deus é uma totalidade que emana de dentro de si e esta é a razão pela qual não existe mistura da substância em Deus, não há partes e nem corporeidade. Sabendo que ele é universalmente uno em si, puro espírito, conseqüentemente em Deus não existe corporeidade.

Por outro lado, as criaturas não são completo espírito. As criaturas não fazem parte de Deus, nem ele pode transformar-se nas criaturas sendo o sentido verdadeiro de todas as coisas. Nele não há sabedoria e vontade nova, sua sabedoria e vontade são eternas e atemporais, o que não ocorre com as criaturas. Em Deus não há nenhuma paixão, as paixões são temporais, tem princípio e fim no tempo. Em Deus há uma ideia que é a sua imagem ou palavra que nele existe idêntica a ele em essência, ou seja, nela se conhece a si próprio desde a eternidade. Em Deus há um espírito que dele emana e por meio do qual as criaturas recebem sua essência, é a partir da sua essência que a sua vontade coincide com a sabedoria, isso nele mesmo.

Em seguida, ela procura definir que as criaturas não são coeternas, mas existem infinitamente desde o princípio. O que ela quer dizer é que as criaturas existiram e não existiram desde a eternidade. As criaturas existiram porque Deus que tem toda a ciência do mundo existe desde a eternidade. Porque existe é que as criaturas são coeternas. Além disso, deve haver uma infinitude do tempo que é confirmada pela bondade de Deus, logo o tempo não existe em Deus, ele é atemporal. E toda criatura deve o ser e a existência ao desejo de Deus a partir do seu intelecto infinito.

Portanto, visto que a vontade de Deus é eterna ou existe desde a eternidade, daí decorre necessariamente que a criação resulta imediatamente, e sem qualquer intervalo de tempo, da vontade de criar. E contudo não pode dizer-se que as criaturas, consideradas em si próprias, são coeternas com Deus, porque então a eternidade e o tempo se confundiriam mutuamente (CONWAY, 2010, p. 49).

De acordo com Anne, a vontade de Deus é eterna. Esta vontade está além do tempo, logo a vontade de Deus existe desde toda a eternidade e toda a criação é uma consequência da vontade de Deus que independe do tempo. Contudo eternidade e tempo se confundem, mas não são as mesmas coisas, pois Deus é capaz de distinguir. E, sabendo que a vontade de Deus é eterna, logo a criação é um resultado da vontade de Deus em criar. Isso não significa que as criaturas em si mesmas são eternas, tendo em vista que eternidade e tempo se confundem. As criaturas são coeternas porque Deus é eterno. Desta forma, as criaturas e a vontade de Deus estão simultaneamente unidas. O tempo é infinito desde a criação e não tem extensão que o intelecto divino não possa conceber. Se o mundo foi criado antes do tempo é uma questão considerado como uma contradição por Anne.

A consequência natural disto é que o tempo é infinito desde o momento da criação e não tem extensão que o intelecto criado possa conceber. Pois como poderia ele ser finito ou mensurável visto não ter outra origem que não seja a própria eternidade? (CONWAY, 2010, p. 49-50).

Conway preocupa-se em definir o tempo. O tempo é infinito desde a criação. Não há limitação ao intelecto divino e infinito. A eternidade entende um número infinito de tempos, por sua vez, a criação é desde o princípio do tempo. Há uma simultaneidade entre o princípio e o tempo. A eternidade é vista como Deus compreende e, por isso, as criaturas não são coeternas com Deus e não tem o mesmo princípio que Deus, sendo o princípio das criaturas caracterizado como a vontade eterna de Deus. Partindo da concepção da eternidade, como ela é percebida, as criaturas não são coeternas:

Contudo, se se referem à eternidade tal como Deus a possui -de forma a ter de dizer-se que as criaturas são coeternas com Deus e não têm princípio- isso é falso. Porque as criaturas, tal como os tempos que não são senão movimentos e ações contínuas das criaturas, têm um princípio, que é Deus ou a vontade eterna de Deus (CONWAY, 2010, p. 50).

As criaturas são constante movimento, a semelhança das mônadas leibnizianas. Há uma hierarquia entre as criaturas e isso seria uma representação de que todas as criadas tem Deus como princípio. Consequentemente, o tempo é concebido de forma relacional. Assim, não há tempo tão curto que não seja possível imaginar outros, pois o tempo pode ser dividido até o infinito. A infinitude do tempo pode ser comprovada pela bondade de Deus. Deus é infinitamente bom, ele é a própria verdade, bondade e caridade e de onde flui toda a produção das criaturas. A bondade de Deus é transmitida as criaturas pela sua própria natureza divina. “Porque Deus é infinitamente bom, benevolente e magnânimo; ele é, na verdade, a própria bondade e caridade, a fonte e o oceano infinitos de bondade, do amor e da magnanimidade” (CONWAY, 2010, p. 51). Deus é a própria bondade e caridade. Por esta razão não poderia haver uma infinidade de Deus. O seu atributo é criar. E tudo que ele cria é bom. E essa bondade é transmitida na própria natureza criada. Ele dá o ser a todas as criaturas, porém as criaturas não são Deus. Ele não poderia multiplicar-se tendo em vista que

seria o mesmo que criar muitos deuses, o que é uma contradição.

O atributo de Deus é ser criador. Ele sempre foi criador, pois de outro modo se modificaria, assim, existirão sempre criaturas. A infinidade de tempo, percebida pela criatura, não é idêntica a infinidade da eternidade de Deus. Parece-nos que Anne estabelece distinções com relação a definição de eternidade. As criaturas estão limitadas no tempo, contudo “conquanto Deus esteja no tempo, não está limitado pelo tempo” (CONWAY, 2010, p. 51). Já a eternidade das criaturas é uma infinidade de tempos que existiram e existirão. Contudo, não é a mesma coisa infinidade do tempo e infinidade da eternidade. Somente Deus é infinito na eternidade. O tempo é apenas a sucessão de movimento contínuo das criaturas.

E a razão para tal é óbvia porque o tempo não é senão o movimento ou a ação contínuos das criaturas e, se cessasse esse movimento ou ação, então o próprio tempo cessaria e até as criaturas findariam com o tempo, pois a natureza de toda a criatura é estar em movimento ou ter movimento, por meio do qual progride e cresce até à definitiva perfeição (CONWAY, 2010, p. 52).

A natureza da criatura é ter movimento. A definição de identidade das criaturas está relacionada a categoria de movimento. É por meio desta categoria relacional que é possível distinguir e definir uma criatura individual e diferente de qualquer outra criatura. Consequentemente, o próprio tempo sessa desde que as criaturas sessem com tempo. Logo, a natureza de toda criatura é estar em movimento até a definitiva perfeição e esta propriedade de movimento das criaturas que define sua identidade e individualidade. Além disso, em Deus não há partes, da mesma forma nele não há tempos.

Quando Deus criou, Ele criou o melhor possível. Por esta razão, Deus é sumamente livre e necessário. A indiferença da vontade é ficção pura. Deus criou o mundo pelo impulso íntimo da sua bondade e sabedoria divina que elege o melhor possível. Há criaturas infinitas e mundo infinitos. A mínima criatura contém o infinito e nem por isso são iguais a Deus. Ele é capaz de reconhecer e distinguir cada criatura por meio de seu intelecto infinito.

E como em Deus não há movimento ou ação contínuos no sentido de maior perfeição pois ele é absolutamente perfeito, não há tempos em Deus nem na sua eternidade. Além disso, porque em Deus não há partes, também nele não há tempos, pois todos os tempos têm partes e são divisíveis até o ao infinito (CONWAY, 2010, p. 52).

Em Deus não há partes, sabendo que as partes são indivisíveis até o infinito e que ele é o infinito, logo nele não há partes, não há movimento. O movimento contínuo não tem espaço em Deus. Assim, considerando os atributos de Deus, como bondade e sabedoria, notamos que Deus é sumamente livre e o que faz em relação as criaturas é feito sem qualquer compulsão exterior, ele age a partir de si. Todavia, não podemos atribuir a Deus essa indiferença no agir, tendo em vista que seria uma imperfeição e Deus seria semelhante as criaturas. A indiferença a vontade de Deus é uma propriedade das criaturas. A indiferença a vontade de Deus constitui

a base da corruptibilidade nas criaturas, se fosse admitida a indiferença na vontade de Deus, seria possível ele tornar-se semelhante ao ser humano que age movido pela sua vontade limitada da sabedoria infinita.

Portanto, a justiça ou bondade verdadeira não comporta em si nenhuma latitude ou indiferença mas é como uma linha recta traçada de um a outro ponto, onde é impossível ter duas ou mais linhas igualmente rectas entre dois pontos, porque apenas uma linha pode ser recta e todas as outras têm de ser mais ou menos curvas na medida em que se desviarem dessa linha recta (CONWAY, 2010, p. 54).

É uma propriedade de Deus comunicar sua bondade as criaturas. A justiça ou a bondade verdadeira não comporta em si nenhuma indiferença. Sabendo que a indiferença seria egoísmo e, como ele é sumamente bom, a indiferença da vontade constituiria uma imperfeição, o que seria um absurdo. Assim, Deus é um agente sumamente livre e necessário. E pelo fato de comunicar sua justiça e bondade as criaturas, ele não cria nada que seja completamente igual. Antes na natureza completamente iguais interferiria na amplitude da comunicabilidade da sua bondade infinita. Justamente para comunicação da bondade de Deus que deve haver uma infinidade de criaturas, ao menos ao infinito divino que é infinito. Deve haver uma infinidade de criaturas da mesma proporção e ao alcance da bondade infinita de Deus.

[...] sendo Deus infinitamente poderoso, não há número de criaturas a que não possa sempre acrescentar mais. E, como agora se provou, ele fez tudo que pode. Certamente que a sua vontade, bondade e benevolência são tão perfeitas e de tão grande alcance como o seu poder (CONWAY, 2010, p. 55).

A filósofa inglesa argumenta que deve haver uma infinidade de criaturas pois o poder de Deus é infinito. E há uma infinidade de criaturas porque não há na natureza uma criatura que seja completamente igual a outra. Deus é capaz de acompanhar e distinguir as infinitas criaturas possíveis e existentes, pois é infinitamente poderoso. Seria absurdo admitir que há seres completamente semelhantes, pois o infinito poder de Deus é capaz de criar e acompanhar a multiplicidade de criaturas. Sua bondade, vontade e benevolência são perfeitas e por isso não há limite em Deus. Por esta razão, acreditamos que se substituirmos o termo Deus pelo termo razão o sistema filosófico de Anne não sofre nenhuma alteração, pois Deus é uma racionalidade infinita capaz de acompanhar a multiplicidade por maior que seja. Deus tem que fazer tudo o que faz tendo em vista o seu poder, a sua sabedoria, bondade e justiça infinita. “Daí decorre obviamente que a Deus não foi indiferente dar ou não existência às criaturas, mas que as criou por um impulso íntimo da sua bondade e sabedoria divinas” (CONWAY, 2010, p. 54). Neste sentido, o ato de Deus criar as criaturas é um impulso íntimo de Deus, que age de acordo com sua infinita bondade e sabedoria. Deus não é indiferente em dar ou não existência às criaturas, mas ele quando cria, cria por impulso da sua bondade e sabedoria e justiça divina e infinita. Deus criou tudo o que pode porque está em sua natureza fazer tudo o que pode, não há limitação em Deus. Além disso, Ele criou mundos ou criaturas

durante um tempo infinito anterior ao momento presente e ao futuro, ou seja, além das limitações do tempo.

Tendo levado em consideração os atributos divinos podemos dizer que a infinidade de mundos ou criaturas foram obras de Deus. Ele é infinitamente poderoso e sempre pode acrescentar mais criaturas se a sua vontade aprovar. A vontade, bondade e benevolência de Deus são infinitamente perfeitas como o seu poder. O universo inteiro é infinito em si próprio e cada uma das criaturas contém em si a infinidade de partes e nenhuma criatura seria tão pequena que não fosse possível colocar sempre mais criaturas dentro de maiores e assim sucessivamente.

Não há nenhuma criatura tão pequena que não possa existir uma menor. Assim, dentro das criaturas mais pequenas pode estar contido um número infinito de criaturas e todas serem corpos mutuamente impenetráveis. Em todas as criaturas há uma infinidade de criaturas, contendo uma infinidade em si próprio, até o infinito. Todas as coisas são motivo de reconhecimento da grandeza do poder de Deus por meio das suas criaturas. Não há criaturas iguais de modo que nada se possa assemelhar ou comparar. Por esta razão, vamos tratar com mais detalhes a concepção de criaturas desenvolvida por Anne na sua obra.

4 As criaturas

Segundo Anne Conway, não podemos atribuir às criaturas outra origem que não seja Deus e a sua infinita vontade eterna, o que está de acordo com a sua ideia ou sabedoria eternas. Se Deus criou, então criou todas as criaturas ao mesmo tempo ou sucessivamente. Há uma simultaneidade no ato da criação de Deus. Todavia, todas as coisas estão contidas em Cristo e nele todas as coisas tem sua existência essencial. Cristo é o primeiro entre todas as criaturas e nenhuma criatura pode igualar-se a ele. Com tal intuito, ela argumenta que toda a criação ocorre ao mesmo tempo. Assim, o ato de criar de Deus é uma criação que ocorre através do tempo.

S. 1 Todas as criaturas devem simplesmente o ser e a existência ao desejo de Deus, pois a sua vontade é infinitamente poderosa e uma ordem sua, sem qualquer auxílio, causa instrumental, ou matéria, é capaz por si só de dar existência às criaturas (CONWAY, 2010, p. 49).

Todas as criaturas foram criadas ao mesmo tempo pelo desejo de Deus. A vontade infinita e poderosa de Deus estabelece uma relação causal e existencial em todas as criaturas. Cristo representa o todo, sendo Deus e homem. A imagem invisível de Deus apresentada por seus atributos invisíveis tornou possível a imagem visível de Deus. É por esta razão que Cristo é o primeiro de todos os seres criados.

S. 3 E pela mesma razão, Paulo chama a Cristo o primeiro de todos os seres criados, no passo supracitado, em que descreve a relação de Cristo com as

criaturas, que, no seu estado primitivo, eram todas como os filhos de Deus. Nessa altura foi o primogênito de todos os filhos, e eles foram como que os filhos desse filho primogênito de Deus. Por isso se diz que nele estão contidas todas as coisas e nele têm a sua existência, porque provêm dele tal como os ramos de uma raiz, de modo que permanecem para sempre nele de uma certa maneira (CONWAY, 2010, p. 64).

Cristo foi o primeiro ser criado entre todos os criados. Na relação entre Cristo e as criaturas há uma estreita conexão, tendo em vista que toda a existência das criaturas está contida no Cristo. A existência das criaturas provém do Cristo e que permanece unida a ele. Ele foi o primogênito de todos os filhos. As criaturas não podiam ser iguais a Cristo, nem na mesma natureza, pois a natureza dele não se degenera como a das criaturas. “S. 4 As criaturas não podiam ser iguais em Cristo, nem da mesma natureza, porque a natureza dele não poderia nunca degenerar como a delas e mudar do bem para o mal” (CONWAY, 2010, p. 64). Como vimos, é importante destacar que Anne estabelece uma distinção entre as criaturas e o Cristo. Comparar a natureza de Cristo seria uma degeneração da natureza de Cristo. Tendo em vista que o mal não pode ser identificado com o Cristo, equipará-lo as criaturas seria uma limitação impossível à divindade. Em Deus não pode haver o mal e, por esta razão, a sua natureza é hierarquicamente e distintamente superior as criaturas. A humanidade de Jesus em união com sua divindade não é uma inferiorização da natureza divina de Deus. A humanidade esteve unida à divindade antes da criação do mundo e depois da encarnação. Logo, a existência de Jesus precedeu na ordem da natureza de todas as criaturas.

Este filho de Deus é o Adão celestial, o mediador entre Deus e as criaturas. O mediador, o Cristo, na interpretação de Anne Conway é a demonstração da existência de Deus. Por isso, a natureza de Cristo não pode ser entendida como natureza inferior, mas sim deve ser entendida como natureza superior as demais criaturas e, por isso, é chamado filho de Deus. A existência de Cristo como mediador tem que ser tomada levando em consideração a natureza ou essência de Deus. Enfim, pela natureza e essência das criaturas que são diferentes por natureza podemos concluir que a natureza do mediador será necessariamente superior à natureza das criaturas. A filósofa inglesa chega a argumentar que a experiência cotidiana aponta que as criaturas são não mutáveis e não passam de um estado a outro. Isso ocorre porque ela pretende assegurar a multiplicidade das substâncias individuais. Consequentemente, não pode haver uma substância que se transforma em outra. Elas são completamente distintas por sua natureza.

S. 2 Consideremos agora o grau dessa mutabilidade. Primeiro, poderá o indivíduo transformar-se noutro, quer da mesma espécie quer de outra diferente? Digo que isso é impossível, porque então a natureza essencial das coisas modificar-se-ia, o que causaria grande confusão não só para as criaturas, mas também para a sabedoria de Deus, que tudo criou. (CONWAY, 2010, p. 74).

A mutabilidade de um indivíduo é uma tese que Anne Conway não admite. Para ela admitir a modificação da natureza de uma criatura seria uma confusão, pois estaria estabelecendo limites a sabedoria infinita de Deus, o que é impossível. Se a natureza de um indivíduo pudesse transformar-se em outra isso teríamos como consequência o fato de que as criaturas não tem verdadeiro ser, pois não poderíamos ter certeza de nada acerca do ser por causa da mutabilidade. Admitindo a mutabilidade da substância seria impossível afirmar

a identidade da criatura. E, por sua vez, admitindo a impossibilidade da identidade é admitir que Deus é incapaz de reconhecer todas as criaturas, pois o intelecto de Deus é limitado. A mutabilidade da substância é um absurdo para Anne Conway. Toda identidade pressupõe uma unicidade do indivíduo, pois Deus é capaz de reconhecer e acompanhar toda a história das criaturas.

5 As criaturas e os corpos

Sendo assim, Anne Conway passa definir o corpo como uma vida ou espírito na natureza. Este espírito tem o princípio da percepção, que é a capacidade de ter consciência e pensamento. Todo o corpo tem atividade e movimento em si. É importante dizer que, nesta direção, quanto mais espiritual se torna uma criatura mais a criatura se aproxima de Deus, que é o espírito mais elevado e não participa em nada da corporeidade. Na natureza das coisas há limite para maldade, mas não há limite para bondade. Com isso, há uma constante inclinação para Deus. A natureza de toda criatura é estar sempre em movimento. Na concepção de Anne Conway, estar sempre em movimento significa que a criatura sempre está de mudança para o bem.

Assim, um corpo é sempre capaz de tornar-se cada vez mais espiritual até o infinito, porque Deus, que é o primeiro espírito e o mais elevado, é infinito e não participa nem pode participar da mínima corporeidade. Conseqüentemente, a natureza, a menos que degenerare, sempre tornar-se cada vez mais semelhante ao seu criador. Mas porque não há ser algum que seja em tudo contrário a Deus (certamente que nada existe que seja infinita e imutavelmente mau, como Deus é infinita e imutavelmente bom, e nada é infinitamente escuro como Deus é infinitamente luminoso, nem nada é infinitamente corpo desprovido de espírito, como Deus é infinitamente espírito desprovido de corpo), é portanto evidente que nenhuma criatura pode tornar-se cada vez mais corpo até ao infinito, embora possa tornar-se cada vez mais espírito até ao infinito (CONWAY, 2010, p. 92-93).

Por isso, que toda criatura está sempre em mudança, mas mudança em direção ao bem, que é Deus. Toda criatura tem uma tendência a ser mais espiritual, ou seja, há na criatura uma inclinação ao criador, tornando-se cada vez mais semelhante ao criador. Não há nada que seja completamente oposto a Deus, ao contrário, embora talvez nunca se torne completamente espírito, a criatura não será completamente mal, mas tende sempre ao bem.

Então, não há progressão infinita ao mal e toda criatura tende a voltar contrário da sua natureza corpórea, tende voltar ao espírito, pois a natureza é puro espírito. O sofrimento, neste sentido, é um convite do espírito ao bem. Através da dor e do sofrimento a rudeza contraída pelo espírito ou pelo corpo se atenua cuja finalidade é progredir ao bem. Como a criatura não pode progredir continuamente para o mal, conseqüentemente regressa ao bem.

Daqui se pode inferir que todas as criaturas de Deus, que anteriormente decaíram e degeneraram da sua bondade original, terão de ser transformadas e recuperadas ao fim de certo tempo para uma condição que não se limitará a ser tão boa como aquela em que foram criadas, mas melhor. A obra de Deus não pode cessar, e assim a natureza de toda a criatura é estar sempre em movimento e sempre a mudar do bem para melhor e do bem para o mal ou do mal novamente para o bem. E porque não é possível progredir no mal até ao infinito porque não há nenhum exemplo do mal infinito, toda a criatura tem necessariamente de voltar de novo para o bem ou cair no silêncio eterno, que é contrário à natureza (CONWAY, 2010, p. 93).

Todas as criaturas que se afastam da bondade de Deus pela culpa original têm a sua natureza recuperada por uma mudança em direção ao bem. Tendo em vista que a natureza da criatura está em constante mudança infinita ao bem, assim até o mal que ocorre na natureza da criatura tem por finalidade atingir o bem, ou seja, a Deus. A morte, o sofrimento e a dor no corpo da criatura tem a finalidade última de desfrutar da bondade de Deus.

6 Conclusão

Anne Conway é uma crítica dos grandes pensadores do seu tempo. Para isso, ela nega as teorias dominantes e materialistas do seu tempo. Ou seja, o que pudemos apresentar neste artigo é uma tentativa de atualização da filosofia antiga como instrumentalização para sua crítica aos filósofos modernos. Assim, ela recupera o aristotelismo para defender a alma e forma do corpo. Neste intuito, os seres corpóreos conferem a matéria uma espécie de autossuficiência, a partir disto ela critica o dualismo cartesiano. Ela não concorda com o dualismo cartesiano, pois ela acredita que o dualismo separa Deus e o mundo. Outra tese cartesiana que ela condena é que não há substâncias completamente semelhantes, pois, substâncias completamente semelhantes criam espaços idênticos na matéria, isso é um problema tendo em vista que interfere na noção de continuidade do espaço. Assim, negando a existência de substâncias deferentes, sustenta uma continuidade da matéria.

Por sua vez, todos os corpos tem elementos materiais e espirituais, por isso, condena o materialismo de Hobbes e Espinosa. Nesta direção Leibniz foi o pensador que mais se aproximou do seu pensamento e, parece-nos que Anne Conway antecipa o pensamento monadológico de Leibniz.

Sem dúvida, assim como a grande mônada leibniziana, a filósofa inglesa acreditava que Deus é o ser puramente espiritual. E toda a matéria é animada. Logo, as mônadas (LEIBNIZ, 2004) são dotadas de movimento e percepção, com isso, é estabelecida uma interação entre elas que perfazem um todo e esta interação estabelece uma organização e harmonia entre todas as criaturas existentes. Leibniz reconhece o inestimável valor de Conway em sua Filosofia.

Referências

- CONWAY, Anne. **Os Princípios da filosofia mais antiga e moderna**. Tradução: Maria Leonor Telles. Centro de filosofia da Universidade de Lisboa: Lisboa, 2010.
- DESCARTES, René. **Œuvres de Descartes**. Tomos VIII e IX. Paris: L. Cerf, 1904.
- LEIBNIZ, G. W. **Discurso de metafísica e outros textos**. Tradução: Marilena Chauí e Alexandre da Cruz Bonilha. Martins Fontes: São Paulo, 2004.